

Eleições gerais resgatam promessas

Alv

MENDES RIBEIRO

Reunião do PMDB, como se esperava, virou em nada. Claro, se fosse intenção dourar a pilula, dir-se-ia de outra forma. Demonstração democrática? Troca de opiniões? Coisas nesse sentido? No fundo, a evidência. O partido não gravita mais em torno de Ulysses. Nem se une sob o comando de Covas. Com prometerias por atitudes ditatoriais anteriores, experimentam a reação natural de quem não aceita cabresto. Chega a ser ridícula a tentativa de patrulhamento nas subcomissões buscando, de forma inconseqüente, manter a bancada dentro da camisa-de-força que os constituintes jamais vestiram. Uns ainda escutam. Outros já se negam a perder tempo com manobras surradas e decoradas.

Ficou resolvido que a

Constituinte resolverá. Pergunta-se: poderia ser outra decisão? Depois de horas e horas de palavras vazias, atirou-se a definitiva para as calendãs. Adiar; buscar outro foro decisório, é próprio de um organismo gigantesco, fora de controle e com lideranças desgastadas. É fundamental que o PMDB olhe sua própria cara. A grei de Arraes não é a de Sarney. A de Tancredo — se já o foi, duvido — difere da de Ulysses. A de Covas contraria a de Luiz Henrique. E, confesso, não sei onde anda e com quem se enquadra a fatia supostamente obediente ao líder do Governo.

Somam-se desgastes. Todos evitáveis. Inobstante, o partido perde em todas as frentes. No imobilismo do Governo. Nas emendas piores que os sonetos compostos pelos neoditadores. Nos cho-

ques, origens das discórdias provocadas pela desconsideração de meia dúzia repelidos pela maioria dos eleitos. A medida em que os constituintes se conhecem, se aprofunda o abismo que a inabilidade dos que têm a responsabilidade de zelar pela união que acabou, abriu entre correligionários. A constatação, dolorosa, desafia desmentidos ou colorações menos escuras.

Quem não tem a coragem de pedir julgamento popular para o seu mandato, perde a autoridade para questionar outro. O vício dos seis anos de Sarney — previstos na Carta outorgada — é o pecado do constituinte se transformar em legislador ordinário, juiz em causa própria, também abalizado por um congresso sem legitimidade, responsável pela emenda que convo-

cou a Assembléia Nacional.

A sugestão — não por ser minha, por coerente — de convocar eleições gerais é, além de exigência nacional, resgate de promessas frustrantes e frustradas. Descreio, sinceramente, que a maioria dos que hoje estão no Parlamento voltem em novo pleito. Por que esconder? Não estamos livres de acusação de estelionato eleitoral. As grandes bandeiras da Nova República viraram trapos. Sarney é alvo escolhido para desviar a atenção. O PMDB, partido pelo qual me elegi, pediu, ganhou mas não assumiu o Governo. Como podia? Devorado por lutas intestinas, ainda procura a identidade perdida logo depois do quinze de novembro de 86.

*Deputado federal pelo PMDB do Rio Grande do Sul

Correio Brasileiro

30-05-87